

Poema

Murilo adentro,
metido a Murilo (não)
sinto-me compelido
ao trabalho literário.
Nem sempre,
pelo menos é o que digo
quase sempre.
Às vezes sofro,
sopro
como uma pequena ferida,
sua ausência
ardendo, vermelha e ácida,
ao toque do cuspe,
(um pouco de cuspe nesta chaga
modesta e incômoda).

Caminho clandestino,
e a contraluz tateio:
o suor me enfeita a testa.
Penso, não penso,
a camisa apertada a barriga
a desmesura.
Vivo assim manejando sempre
o verbo pedir.

De substrato católico,
torno a arder
quase sempre.
É assim.

Ora direis, que papo é esse
Ó cara, ó mano?
Nessa natureza morta
esses homens são subúrbios longínquos.
Sair, hoje?
Não.
Nem pensar.

José Almino